Dia 25 — São Lupo, Bispo e Confessor

Martirológio Romano

O martírio de São Cléofas, discípulo de Cristo, no castelo de Emaús; o qual dizem que foi morto pelos judeus por confessar a Jesus Cristo e sepultado com gloriosa memória na mesma casa onde havia disposto a ceia. (São Lucas, no capítulo 24 de seu Evangelho, refere a aparição do Senhor aos discípulos que iam a Emaús.)

São Herculano, soldado e mártir, em Roma; o qual se converteu a Jesus Cristo vendo os milagres obrados na morte de São Alexandre, bispo. E, depois de padecer muitos tormentos, foi degolado no tempo do imperador Antonino.

São Firmino, bispo, em Amiens, na França, o qual na perseguição de Diocleciano, por sentença do presidente Ricciovaro, depois de padecer vários tormentos foi degolado, alcançando assim a coroa de mártir. (Veja-se sua vida entre as de hoje.)

Os santos mártires Paulo e Tata, sua mulher, e Sabiniano, Máximo, Rufo e Eugênio, seus filhos, em Damasco: sendo acusados de que eram cristãos, foram atormentados com açoites e com outros suplícios, em meio aos quais entregaram suas almas ao Senhor.

O martírio dos santos Bardomiano, Eucarpo e outros vinte e seis mártires, na Ásia.

Santo Anatalon, bispo, no mesmo dia; era discípulo do apóstolo São Barnabé e lhe sucedeu no bispado de Milão.

São Lupo (ou Lobo), que de anacoreta passou a ser bispo em Lyon. (Veja-se sua vida entre as de hoje.)

São Anacário, bispo e confessor, em Auxerre.

São Solênio, bispo de Chartres, esclarecido em milagres, em Blois.

São Princípio, bispo de Soissons, irmão do bispo São Remígio, no mesmo dia.

As santas virgens Áurea e Neomísia, em Anagni. (Havendo perdido seus pais sendo ainda de muito pouca idade, venderam todo seu patrimônio, distribuíram seu produto aos pobres e foram viver numa solidão. Depois, havendo determinado venerar os santos lugares de Jerusalém, antes de partir fizeram voto de perpétua castidade. Logo da Palestina passaram a Roma a visitar o sepulcro dos santos Apóstolos, e pelo caminho se dignou Deus Nosso Senhor acreditar sua santidade com muitos prodígios. Desde a capital do orbe cristão regressavam à Ásia quando foram detidas pelos sarracenos de Cápua. Em vão pretenderam estes fazê-las apostatar da fé com açoites e tormentos: o Senhor as livrou milagrosamente das mãos de seus inimigos e as conduziu ao território de Anagni, onde foram hospedadas por um servo de Deus, em cuja casa morreram acompanhadas de santos Anjos. Sua morte a assinala Barônio a princípios do século XI.)

O Calendário do principado da Catalunha faz hoje comemoração de Santa Maria de Cervelló, ou do Socorro (em vulgar catalão do *Socós*), cuja vida se lê entre as do dia 21 de maio, conforme o Calendário de Castela a Nova. O Martirológio Romano faz memória da dita santa virgem no dia 19 deste mês. (Veja-se.)

São Lupo, Bispo e Confessor

Ainda que os escritores das atas de São Lupo, um dos mais célebres solitários da França e um dos mais brilhantes ornamentos da ordem episcopal, nada nos dizem de sua pátria, pais e nascimento; pelo que alguns lhe atribuem o que o Apóstolo a Melquisedeque, sem pai, mãe nem genealogia, derivando sua origem da eminência de sua virtude e da grandeza de sua dignidade; outros inferem a nobreza de sua prosápia pela íntima familiaridade que teve com São Sigismundo, rei de Borgonha, o qual, pelo conhecimento prático da justificada conduta de Lupo, movido de um impulso superior, dizem que profetizou que o santo jovem não seria lobo devorador, como denotava seu extraordinário nome, de divina imposição e não de disposição humana, mas um zeloso prelado que congregaria no redil da Igreja muitas ovelhas descarriadas do rebanho do Senhor, sortindo-as com os saudáveis pastos de doutrina celestial.

Ainda que não nos consta de sua primeira educação, que se crê foi segundo as máximas da religião cristã, pelos progressos posteriores de sua virtude se sabe que o Santo passou sua juventude como outro Elias e João Batista na solidão do deserto, empregado em todos os exercícios de uma admirável vida solitária, venerado como um prodígio de virtude por todos os que observaram a justificação de sua conduta. Alguns querem que este célebre Prelado fosse outro de seu nome, monge de Lérins, depois bispo de Troyes; mas por vários monumentos autênticos sabemos que a solidão que serviu de retiro a este servo de Deus antes de ser elevado à dignidade episcopal não foi outra que a ilha Bárbara, sita no rio Saona, perto de Lyon da França, que no tempo de Lupo não foi outra coisa que um deserto onde habitavam vários solitários em suas respectivas celas, sob um inspetor de conhecida prudência e virtude, a quem se submetiam em todos os ofícios da vida monástica, à maneira dos da Tebaida e da Nítria no Oriente; pelo que alguns escritores dão o nome de mosteiro àquele célebre eremitério.

Sabemos pela história da vida de São Lubino, bispo de Chartres, que foi Lupo abade ou superior daqueles solitários e que, difundida a fama de sua eminente virtude por todo o país, havia levado Lubino a tomar lições de santidade de um Prelado de tão edificativa observância e austeridade de vida; cuja opinião geral contribuiu assim mesmo para que, morto o bispo de Lyon, fosse promovido àquela cátedra por aclamação de todo o clero e povo, apesar dos esforços de sua humilde resistência para escusar-se da dignidade, que não haveria aceitado se uma espécie de fermentação que se suscitou por sua relutância não houvesse obrigado o Santo a olhar com preferência a suas comodidades solitárias os direitos da paz.

Como por aquele tempo sucedesse a morte de São Sigismundo, rei de Borgonha, a quem Godomar, que o era de Orleans, fez prisioneiro e mandou lançar num poço com sua mulher e com seus filhos; as turbações que sucederam com esta desgraçada morte puseram em tal consternação o país que teve muito que sofrer Lupo nos incríveis males que padecia aquela terra, que era o teatro da sangrenta guerra e o objeto das violências dos borgonheses. Os contínuos rogos e as orações fervorosas do aflito Prelado moveram o céu a prover de remédio em tão fatal conjuntura, dispondo o Senhor que a cidade de Lyon caísse sob o império dos franceses pela partição do reino que fizeram entre si os reis Childeberto e Clotário, depois que lançaram daquele trono seu último rei Godomar, com cujo motivo as coisas políticas tomaram outro mais pacífico temperamento, do qual soube aproveitar-se Lupo para trabalhar com infatigável zelo na reformação dos costumes de seu povo, que haviam padecido uma sensível relaxação na irrupção dos invasores.

Todos os escritores das atas deste insigne Prelado celebram sua grande prudência e aquela sábia indústria com que, sabendo conciliar a simplicidade da pomba com a sagacidade da serpente, governou como um destro piloto a nau de sua igreja; e, assegurando-a com a âncora da fé, livrou-a dos furiosos ventos daquelas turbulências e violentos insultos dos hereges; portando-se com tanta justificação nos deveres de seu ministério que satisfez sem a menor queixa todas as recomendáveis obrigações que exige o Apóstolo nos prelados perfeitos.

Faltavam algumas práticas de regularidade no estado e de exatidão na disciplina, cujos importantes objetos mereciam examinar-se com toda circunspecção e estabelecer certas regras que predefinissem o conveniente. Celebrou-se a este fim o terceiro concílio de Orleans, ao qual concorreram dezenove bispos, os quais por meio de trinta e três cânones arranjaram os particulares com a ordem que apetecia a matéria. E, distinguindo-se neste negócio a grande sabedoria, a consumada prudência e o fervoroso zelo de Lupo pelo bem da Igreja, deram-lhe a merecer os aplausos de seus co-irmãos, entre os quais, não obstante de achar-se alguns metropolitanos, subscreveu o Santo o primeiro, pelo que se crê que foi o presidente daquela célebre assembleia.

Não se referem as ações particulares deste insigne Prelado desde a dissolução do Concílio até pouco antes do ano 542, em que parece morreu cheio de merecimentos, segundo se sabe pela memória dos bispos de Lyon, posto que neste ano ocupava aquela sé Leôncio, sucessor de Lupo, cujo venerável corpo foi sepultado na igreja da ilha Bárbara, lugar que lhe havia sido sempre tão amável que não deixava de passar a ele muitas vezes, depois de sua elevação ao bispado, para conservar o espírito de retiro e aquela pobreza evangélica, humilhação e demais prendas religiosas que havia adquirido em tão recomendável solidão. A igreja em que foi depositado, dedicada

primeiramente a Santo André e demais Apóstolos, reedificada depois pelo imperador Carlos Magno, reconheceu por seus padroeiros São Martinho e São Lupo; mas, havendo padecido a mesma desgraça que as demais da França no funesto estrago que fez o furor dos Calvinistas no ano 1562, reservada por um prodígio particular a cabeça de São Lupo da profanação que os hereges causaram a todas as relíquias dos Santos, voltou-se a colocar no novo templo que reedificou na mesma ilha Camilo de Neufville, abade dela, sob o patronato antigo de São Martinho e São Lupo.

São Firmino, Bispo e Mártir

Foi São Firmino natural de Pamplona, e sua família uma das mais nobres do país. Seu pai Firmo ocupava um dos primeiros cargos no governo da cidade e do senado; nem era de menos ilustre nascimento sua mãe Eugênia; mas ambos tinham a desgraça de ser idólatras como todo o resto da cidade, na qual ainda não se havia anunciado o Evangelho. Iam um dia juntos ao templo de Júpiter para oferecer-lhe sacrifício em companhia dos demais cidadãos e, no caminho, por ditosa disposição da divina Providência, encontraram um sacerdote de Jesus Cristo chamado Honesto, que estava pregando ao povo o Evangelho da salvação. Detevê-los a curiosidade de ouvir o estrangeiro, cuja gravidade, cuja doçura e cuja modéstia lhes levou desde logo toda a atenção; mas muito mais os arrebataram as novas, mas grandes verdades que estavam escutando. Acabado o sermão, suplicaram-lhe que se servisse ir a sua casa para explicar-lhes a eles mais devagar e mais em particular o mesmo que em geral e rapidamente lhe haviam ouvido anunciar à multidão. Condescendeu gostoso São Honesto; passou à casa de Firmo, e este lhe perguntou quem era, de onde vinha e com que autoridade intentava exterminar a antiga religião que todos professavam para introduzir outra nova. Respondeu a tudo generosamente que era cristão, que vinha de Toulouse, que com muita honra sua era capelão do santo bispo Saturnino, o qual o havia enviado para dissipar as trevas do erro em que viviam e para descobrir-lhes o caminho da vida eterna. Encantado o senador de sua santa conversação, manifestou-lhe o gosto que teria em conhecer e tratar o bispo Saturnino e deu-lhe esperanças de que receberia o Batismo. Prometeu-lhe Honesto que lhe cumpriria esse gosto e que solicitaria que o Bispo o viesse ver. Com efeito, sete dias depois entrou em Pamplona São Saturnino. Logo que pregou publicamente a Jesus Cristo, converteram-se à fé quarenta mil pessoas, a exemplo de Firmo, Fausto e Fortunato, todos três senadores e primeiros magistrados da cidade. Edificou-se uma igreja, que a poucos dias foi necessário fazê-la mais capaz; em breve tempo abraçou a religião cristã toda a cidade de Pamplona. Restituindo-se São Saturnino a Toulouse, deixou a cargo de Honesto o cuidado daquele rebanho, cujo principal ornamento era Firmo e toda a sua família pelo zelo e pela piedade que resplandecia em toda ela.

Tinha Firmo um filho chamado Firmino, que à sazão só contava dez anos de idade e, desejando assegurar-lhe uma santa educação, entregou-o ao ensino do santo presbítero Honesto, de cujas mãos o mesmo menino Firmino havia recebido o Batismo. Em favor de tão nobre mestre, de seu excelente engenho e de seu belo natural, fez Firmino em breve tempo tão rápidos como vantajosos progressos. Descobriu muito desde logo uma como natural inclinação a tudo o bom; tanto que, por sua virtude, por sua terna devoção e por seu amor à pureza, reconheceram todos tê-lo destinado Deus para ser com o tempo digno ornamento da santa Igreja. Foi admitido no clero à mesma

entrada de sua florida juventude; e aos dezoito anos de sua idade já pregava com admiração do público, quando a avançada idade e os achaques de São Honesto não lhe permitiam exercer este ministério. Crescendo com os anos a virtude e manifestando-se cada dia mais e mais seus singulares talentos, determinaram seus pais enviá-lo a Toulouse para que, sob a disciplina de Honorato, bispo daquela cidade e sucessor de São Saturnino, se aperfeiçoasse no estado eclesiástico. Edificado o bispo de Toulouse assim da virtude como do extraordinário mérito do discípulo de São Honesto e conhecendo suas raras eminentes prendas, resolveu elevá-lo às sagradas ordens; e, desprezando as resistências de sua profunda humildade, ordenou-o primeiro de presbítero e depois o consagrou bispo de Pamplona. Enviou-o a cuidar de seu rebanho e, ao despedi-lo, disse-lhe: «Alegra-te, caríssimo irmão, porque Deus te escolheu para vaso de eleição. Sendo já pastor das almas pela graça do Senhor, parte imediatamente a ter cuidado de tua grei e desempenha com fidelidade o sagrado ministério que Deus te confiou em tua consagração.»

Não se podem explicar as demonstrações de alegria com que foi recebido de seu povo. Começou logo a cumprir com as funções de seu estado; e desde que se deixou ver no púlpito conheceram todos que Deus lhes havia dado por pastor um novo apóstolo. Percorreu logo toda a diocese, fazendo-se tudo a todos por ganhá-los a todos para Jesus Cristo. A mesma idolatria, que estava como entrincheirada naquelas faldas dos Pirenéus, parecia agora como que ia fugindo diante de São Firmino. Arruinou muitos templos, fez em pedaços os ídolos, e foi tanto o número das conversões que em muito breve espaço de tempo se encheu todo o país de fervorosos cristãos.

Animado seu zelo com tão felizes sucessos, julgou ser estreito campo toda a Navarra para satisfazer os incêndios de seu amor. Ordenou suficiente número de presbíteros para que cuidassem daquela nova cristandade e, penetrado seu coração com as palavras de Cristo: «Ide e ensinai todas as nações», resolveu partir a levar a luz da fé aos gentios, esperando achar entre eles a coroa do martírio. Entrou nas Gálias, onde estava furiosamente acesa a perseguição contra os Cristãos; e, chegando à cidade de Agen, encontrou-se com um santo presbítero chamado Eustáquio, que o deteve algum tempo para confirmar os fiéis na fé e dispô-los para a perseguição que, à maneira de um fogo violento e arrebatado, ia-se estendendo por todas as Gálias. Saiu de Agen e passou à Auvérnia, desafiando os perigos, pregando a fé de Jesus Cristo com uma intrepidez que admirava os mesmos pagãos e atacando a idolatria até naquelas fortalezas em que reinava com maior império.

Achando-se numa cidade da Auvérnia, teve uma célebre disputa com dois gentios dos mais consideráveis e dos mais obstinados, que se chamavam Arcádio e Rômulo. Mostrou-lhes São Firmino tão clara e tão evidentemente a loucura e os erros do paganismo, fazendo-lhes ao mesmo tempo tão palpável evidência da verdade e da santidade de nossa Religião, que os converteu; e, havendo-os instruído, conferiu-lhes o Batismo: conquista que ganhou para Jesus Cristo a maior parte dos povos daquela nação. Animado o santo Apóstolo a novos trabalhos com estas conquistas, transferiu-se a Angers, onde em quinze meses de residência conseguiu grandes vitórias sobre a idolatria, fazendo entrar no rebanho de Jesus Cristo inumerável multidão de ovelhas escolhidas. Como nenhum estorvo era capaz de deter nem de moderar a atividade de seu zelo, mal ganhava um povo para Jesus Cristo quando corria a outros para plantar neles o estandarte da fé. Não é fácil explicar quanto padeceu nestas excursões apostólicas. Privado de todo humano consolo, oprimido de fadigas, agobiado do peso dos trabalhos, perseguido e maltratado dos pagãos e em contínuo

perigo de vida, nada foi bastante para pôr limites a seu fervor e a seu zelo. Da província de Anjou passou à da Normandia, onde espalhou por todas as partes as luzes da fé, fazendo tão prodigiosa multidão de conversões que com razão se lhe pode apelidar o Apóstolo daquela província, como de muitas outras.

Crescendo em Firmino cada dia mais e mais o fervoroso desejo de derramar seu sangue pela fé de Jesus Cristo, noticioso de que o presidente Valério, inimigo mortal do nome cristão, perseguia os fiéis com extraordinária crueldade no Beauvaisis, voou para lá apressadamente, não duvidando encontrar a suspirada coroa do martírio. Com efeito, logo que chegou foi reconhecido por cristão e, havendo sido denunciado como tal no tribunal do Presidente, foi encerrado por sua ordem num horroroso cárcere. Mas não bastaram a satisfazer a insaciável sede que tinha de padecer nem as incomodidades da prisão nem os tormentos que lhe fizeram sofrer nela. Perseverou preso e acorrentado até a morte do presidente Sérgio, sucessor de Valério, com cuja ocasião os mesmos cidadãos o puseram em liberdade. Aproveitando-se dela São Firmino, pregou publicamente a fé de Jesus Cristo em Beauvais com tanta bênção e com tão felizes sucessos que se edificaram muitas igrejas. Correu depois toda a Picardia e uma parte dos Países Baixos com o mesmo zelo e com igual fruto em todas as partes, até que enfim entrou em Amiens, teatro destinado pela divina Providência para ditoso termo de suas apostólicas fadigas.

Logo que chegou, juntou um rebanho de que ele mesmo foi o primeiro pastor. Nos três primeiros dias em que pregou converteu três mil pessoas. Não contribuíam pouco a tão admiráveis sucessos os milagres que acompanhavam sua pregação. Não havia resistência às palavras do Apóstolo. Os ídolos caíam e se faziam em pedaços a seus pés: os demônios deixavam os corpos que possuíam só com pôr-se diante de São Firmino: não havia enfermidade que ao instante não curasse invocando o nome da santíssima Trindade; e era tão crescido o número dos prodígios que os gentios o tinham por algum Deus, como em outro tempo o fizeram com São Paulo e São Barnabé. Ressoava em toda a cidade o nome e as maravilhas do santo Bispo. Chegou à notícia do governador da província (a quem alguns chamam Juliano) o que se passava em Amiens e mandou prender nosso Santo. Tendo-o em sua presença, perguntou-lhe em nome de quem fazia os milagres; ao que respondeu Firmino com santa intrepidez que em nome de Jesus Cristo, único Deus verdadeiro e redentor de todos os homens. Tomando depois ocasião para falar-lhe a fundo de nossa sagrada Religião, fê-lo com tanta valentia, com tanta eloquência e com tanta majestade que, enamorado o mesmo Governador do que ouvia, mandou que o deixassem ir livre. Mas, mal saiu do pretório, quando na mesma praça do palácio começou a pregar a Religião; do que informado o Governador, acendido e atiçado pelos senhores gentios que estavam perto de sua pessoa, ordenou que lançassem mão dele e que o encerrassem num calabouço, onde consolou Deus maravilhosamente nosso Santo, revelando-lhe que logo receberia o prêmio de seus trabalhos com a coroa do martírio. Assim sucedeu; porque no dia seguinte o Governador, temendo alguma sedição, mandou cortar-lhe a cabeça no mesmo cárcere, o que aconteceu no dia 25 de setembro, em que se celebra sua festa.

Certo senhor, por nome Faustino, a quem o Santo havia convertido, achou meio de apoderar-se do corpo, que mandou enterrar numa de suas herdades, de onde pouco tempo depois foi trasladado a uma igreja que o mesmo São Firmino havia dedicado a Nossa Senhora. Por muitos séculos permaneceu desconhecido o santo corpo naquele lugar. Enfim, depois de uma larga série de anos,

não sabendo já os Cristãos onde parava aquele precioso tesouro, Salvo, bispo de Amiens, homem de eminente virtude, resolveu descobri-lo e para este fim recorreu à oração. Convocou o clero e o povo, intimou um jejum geral por espaço de três dias e exortou a todos que rogassem incessantemente ao Senhor que lhes descobrisse o corpo de seu santo Apóstolo, resolvendo ele mesmo não sair da igreja naquele tríduo, passando-o dia e noite em oração diante do Senhor. Ouviu Deus seus piedosos desejos, porque ao dia terceiro, antes de amanhecer, viu baixar da abóbada do presbitério um raio de luz que caía perpendicularmente atrás do altar-mor e ali se apagava; por onde fez juízo de que naquele lugar devia estar a santa relíquia. Com efeito, havendo mandado cavar nele, reconheceu que, ao passo que se ia aprofundando o buraco, exalava um maravilhoso odor que encheu de suavíssima fragrância toda a igreja. Crescia esta conforme se ia aproximando o descobrimento do santo corpo, que se encontrou enfim no mesmo sítio onde havia estado oculto depois de seis séculos. Assegura-se que quis o Senhor acreditar a verdade da sagrada relíquia com um estupendo prodígio. É antiga tradição da igreja de Amiens que, havendo-se feito o descobrimento do santo corpo no coração do inverno, não obstante reverdeceu de repente todo o campo e as árvores apareceram todas cobertas de folhas. A igreja onde se achou a santa relíquia foi a de Acheul, e desde ela ordenou-se uma procissão geral para conduzi-la à catedral. Nunca viu Amiens triunfo igual nem mais cristã magnificência, fazendo Deus mais célebre a piedosa pompa com a multidão de milagres que obrou por intercessão do santo Mártir.

Nota do tradutor

«Não deve fazer dificuldade ao leitor que São Saturnino houvesse convertido em seu primeiro sermão dentro da cidade de Pamplona nada menos que quarenta mil pessoas. Hoje é cidade reduzida; mas consta de todos os nossos historiadores que então era uma das maiores povoações da Espanha, estando tão recente sua fundação por Pompeu, como que contava pouco mais de dois séculos.»

São Formério, Mártir

São Formério, a quem venera por seu padroeiro a ilustre vila de Vañares, na província de La Rioja, segundo nos dizem vários escritores apoiados numa constante tradição e em monumentos de uma respeitável antiguidade, nasceu em Cerezo, hoje povoação reduzida na mesma província, a qual antigamente foi uma cidade numerosa conhecida com o nome de Cerásia ou Cerósia, do que se derivou Cerezo. Formério foi educado na religião cristã desde o berço e, seguindo fielmente todas as suas máximas piedosas, arranjou seus costumes com o espírito da lei santa de Deus. Sendo jovem, quis ascender ao cume da mais alta perfeição; e, refletindo que em sua pátria não podia livremente pôr em execução suas nobilíssimas ideias, por achar-se em poder dos gentios, distribuiu todos os seus bens entre os pobres de Jesus Cristo e retirou-se a uma serra imediata à vila de Cerezo. Quando se viu em lugar tão separado de todo comércio humano, sentiu-se mais que nunca aceso no amor aos exercícios eremíticos e desde aquele ponto se dedicou à contemplação das grandezas divinas e à prática de muitas engenhosas mortificações, ocupando o tempo sobrante no

ofício de pastor de certas ovelhinhas, cujos frutos invertia em socorro dos necessitados.

Seguia Formério cheio de prazer aquele teor de vida mais angélica que humana e, querendo Deus valer-se dele para que ensinasse as infalíveis verdades a muitos pagãos, enviou um Anjo para que o instruísse na doutrina revelada. Habilitado por este meio, começou a exercer o ofício de pregador por toda aquela serra; e, como vissem os gentios dos povos e aldeias da comarca que as feras acudiam ao eco da voz do ilustre Missionário a ouvir a palavra divina, como puderam os mais devotos racionais, e a receber diariamente sua bênção, convencidos por esta portentosa maravilha de que sem dúvida era verdadeira e santa a doutrina que pregava, abraçavam-na gostosos, deixando os crassos erros do paganismo.

Suscitou por então o imperador Aureliano a nona perseguição das dez primeiras que padeceu a Igreja sob o domínio dos príncipes gentios; e, sendo seu empenho destruir, se pudesse, o nome e a religião de Jesus Cristo, não contente com que Roma fosse o mais sangrento teatro onde se sacrificavam cada dia inumeráveis vítimas inocentes, enviou por todas as províncias do império governadores idólatras para que suas ímpias intenções tivessem cumprimento. Coube à Rioja um destes ministros chamado Alexandre, zeloso como o que mais em sustentar a todo custo o culto de suas deidades quiméricas; e, como os principais gentios da província se achavam irritados contra Formério por causa das muitas conquistas que fazia cada dia para Jesus Cristo, delataram-no ao Governador por inobediente aos decretos dos príncipes do mundo e por um clássico mago, como se acreditava no fato de submeterem-se a sua disposição as feras como se fossem mansos cordeiros.

Alexandre não ouviu sem irritar-se a acusação dos idólatras e, querendo vingar o desprezo que o ilustre Pregador fazia aos deuses romanos, deu ordem a seus ministros para que o prendessem. Buscaram-no estes com exquisitas diligências por toda a serra de Cerezo; e, havendo chegado à pobre choça onde habitava, como não o conheciam, perguntaram por Formério. Respondeu-lhes o Santo: «Eu sou», cheio de alegria; e, saudando-os cortesmente, rogou-lhes que descansassem e ofereceu a sua disposição quanto tinha. Ficaram atônitos os emissários ao ver a serenidade, a doçura e a mansidão do venerável eremita; mas ainda se admiraram mais quando viram concorrer as feras a ouvir os sermões que lhes fazia, com cujo motivo pregou também aos enviados. Temeram estes ser despedaçados; mas Formério lhes assegurou que não lhes causariam o menor dano, como o experimentaram. Os ministros conheceram por aquele prodígio a eminente virtude do servo de Deus; e, manifestando-lhe a ordem que levavam de seu principal, rogaram-lhe que se ausentasse, que eles protestariam não havê-lo encontrado. Agradeceu Formério o favor que lhe faziam; mas, refletindo que nele se lhe privava sua maior glória, disse-lhes: «Sabei, irmãos, que não é justo que eu perca a ocasião que Deus me prepara. Confesso-vos ingenuamente que não temo os tormentos de Alexandre: sou cristão e devo confessar a fé que professo ante os tribunais pagãos; e assim vamos imediatamente a oferecer ao Senhor minha vida em sacrifício.» Fê-lo assim; mas antes que partisse da montanha enviou-lhe Deus um Anjo para que lhe manifestasse o muito que havia de padecer por seu amor, assegurando-lhe que triunfaria gloriosamente em seus combates.

Os emissários apresentaram Formério ante o governador Alexandre, e começou a repreendê-lo desta sorte: «Dize-me, como, sendo filho de nobres pais, elegeste uma vida rústica, devendo

portar-te como os que são iguais a tuas circunstâncias, mantendo-te com eles no povo e não nos montes com as feras? Além disto, por que és tão ousado que, não contente com professar a religião do Crucificado, a pregas e ensinas, pervertendo com encantos a muitos que prestavam adoração a nossos deuses protetores do Império, obrando contra os decretos dos Príncipes do mundo? Teus poucos anos só podem desculpar-te, e assim trata logo de deixar a nova religião que professas e de sacrificar aos deuses romanos, para que mereças nossa proteção e nossa amizade.» Negou Formério a impostura de mago e confessou que as maravilhas que os gentios graduavam por encantos não as fazia por más artes, mas por virtude de Jesus Cristo, em cuja religião foi educado, na qual o havia mantido o Senhor por sua infinita misericórdia; a qual só era verdadeira, pois reconhecia por Deus o Criador do céu e da terra, a quem deviam amar, servir e adorar todas as criaturas, e não às vãs estátuas às quais os idólatras tributavam culto sob o véu de deidades quiméricas, sendo assim que eram uns retratos de homens e mulheres torpes que, por seus enormes vícios, estavam nos infernos; e por isso mesmo lhe acrescentou que tivesse entendido que jamais o separariam da fé de Jesus Cristo todos os tormentos que pudesse discorrer sua obstinação.

Uma resposta tão generosa excitou a cólera do tirano de sorte que, não podendo conter a indignação dentro do peito, mandou aos verdugos que pusessem o ilustre Confessor num potro ou cavalete, onde o atormentassem cruelmente, para vingar o desprezo que havia feito aos deuses. Usaram do artifício daquela horrível máquina por três vezes, todas com igual violência, e logo se percebeu a deslocação de todos os ossos; mas, vendo Alexandre a serenidade de ânimo que mostrava Formério em meio às mais vivas dores, sem cessar de pregar a Jesus Cristo, não pôde deixar de compreender que naquela admirável tranquilidade se ocultava alguma virtude sobrenatural a que não podia resistir; mas, não querendo manifestar-se vencido, deu ordem para que o tirassem do tormento e o encerrassem num calabouço escuro, com severa proibição de que não lhe dessem o menor alimento; mas o Senhor teve providência de seu servo, restituindo-o de repente a sua antiga robustez e derramando a um mesmo tempo sobre sua ditosa alma uma doçura de superior ordem que o inundou de alegria.

Achavam-se no cárcere, quando entrou nele Formério, alguns cristãos presos pela fé, tão fatigados com os trabalhos e com as misérias da prisão que lhes faltavam já as forças para tolerar tantas penalidades e, compadecido o Santo daqueles infelizes, recorreu a Deus a fim de que se dignasse favorecê-los. Ouviu o Senhor com agrado as súplicas de seu servo e desceu uma luz celestial que dissipou as trevas do calabouço, à cuja vista se fizeram em pedaços os grilhões e as cadeias; e, abrindo-se por si mesmas as portas do cárcere, manifestou Formério aos fiéis que era vontade de Deus que se ausentassem da cidade, para que descarregasse sobre sua pessoa toda a cólera do tirano.

O carcereiro deu parte a Alexandre da fuga dos presos, informando-o de que havia ficado só Formério, tão são dos tormentos passados como se nunca os houvesse padecido; e, parecendo ao tirano que para persuadir um homem daquele caráter teriam mais eficácia os bons termos que a severidade, fê-lo trazer a sua presença e o exortou a que adorasse os deuses romanos, oferecendo-lhe vantajosíssimas promessas. Desprezou-as o valoroso militar de Jesus Cristo com aquela generosidade e com aquela fortaleza que é própria dos heróis de nossa santa Religião e, ratificando de novo outra igual confissão de fé que a antecedente, fez ver a Alexandre que estava

disposto a morrer por ela e até se adiantou a persuadir-lhe que reconhecesse sua cegueira, se desejava sua eterna salvação.

Não é fácil poder explicar a ira que concebeu Alexandre à vista do desprezo que o Santo fez de suas ofertas; mas, crendo que não poderia resistir à atividade do fogo, mandou aos verdugos que o introduzissem num forno aceso. Foram executadas suas ordens com a maior prontidão; mas, repetindo o Senhor aquele prodígio admirável que obrou no forno de Babilônia com os três jovens, manteve-se o Santo entre as vorazes chamas por espaço de cinco dias sem a menor lesão, cantando hinos de louvores divinos em companhia de Anjos.

Admirados os pagãos daquele extraordinário portento, começaram a aclamar que só era verdadeiro o Deus de Formério; pelo que se converteram a Jesus Cristo muitos dos infiéis. Soube Alexandre o sucesso e, atribuindo-o a feitiçaria, de que eram notados os Cristãos na operação de semelhantes maravilhas, dispôs que levassem o Santo ao anfiteatro público para que as feras o despedaçassem. Concorreu uma multidão de gentios a ver o espetáculo e, havendo soltado um leão que com seus espantosos bramidos infundia terror aos assistentes, voltado contra os idólatras deu morte a não poucos deles; e, dirigindo-se depois com grande mansidão aonde estava o ilustre Mártir, baixou a cabeça para que lhe desse sua bênção, como o tinha de costume.

Atônito o tirano com tanto tropel de prodígios, creu com gravíssimo fundamento que o continuar em atormentar o Santo era dar margem para sua maior confusão e para que se evidenciasse o nenhum poder de seus falsos deuses; pelo que deu ordem aos verdugos que o degolassem imediatamente. Levaram o Santo a um sítio da várzea de Cerezo, chamado por então dos Tormentos pelos muitos que padeceram naquele lugar os Mártires de Jesus Cristo, o qual no dia se chama Tormatos, corrompido o vocábulo; e, executando-se nele a sentença do tirano, conseguiu Formério a apetecida coroa do martírio no dia 25 de setembro do ano 277, que foi o último do império de Aureliano.

Os Cristãos recolheram o venerável corpo do ilustre Mártir e lhe deram sepultura com a cautela que permitia a turbação daqueles lastimosos séculos; e no sucessivo o trasladaram à vila de Vañares, onde estão suas veneráveis relíquias na igreja de Santa Cruz, na qual se celebra sua festividade com oitava, e é tido em grande veneração por todos os povos da comarca; em virtude do que o papa Sisto IV, em 29 de maio de 1477, concedeu uma indulgência plenária a todos os confrades da irmandade do Santo, na qual estão alistadas quase todas as pessoas de Vañares, pela singular devoção que professam a seu ínclito Padroeiro, que remunera seu afeto com repetidíssimos benefícios.

Missa (oração)

A missa é em honra de São Lupo, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Deus, qui nos beati Lupi martyris tui atque pontificis annua solemnitate lætificas: concede propitius, ut cujus natalitia colimus, de ejusdem etiam protectione gaudeamus. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Ó Deus, que cada ano nos alegrais com a festividade de vosso bem-aventurado mártir e pontífice São Lupo, concedei-nos benigno que mereçamos a proteção daquele cuja memória solenizamos. Por Nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 5 da que escreveu São Paulo aos de Éfeso.

Efésios 5,15-20

> **Latim:** 15 Videte itaque, fratres, quomodo caute ambuletis : non quasi insipientes, 16 sed ut sapientes : redimentes tempus, quoniam dies mali sunt. 17 Propterea nolite fieri imprudentes, sed intelligentes quæ sit voluntas Dei. 18 Et nolite inebriari vino, in quo est luxuria, sed implemini Spiritu Sancto, 19 loquentes vobismetipsis in psalmis, et hymnis, et canticis spiritualibus, cantantes et psallentes in cordibus vestris Domino, 20 gratias agentes semper pro omnibus in nomine Domini nostri Jesu Christi Deo et Patri,

Português: 15 E assim vede, irmãos, de que modo andais sobre aviso: não como insipientes, 16 mas como sabios: remindo o tempo, pois que os dias são máos. 17 Por tanto não sejais imprudentes: mas entendei qual he a vontade de Deos. 18 E não vos deis com excesso ao vinho, donde nasce a luxuria: mas enchei-vos do Espírito Santo, 19 fallando entre vós mesmos em salmos, e em hymnos, e canções espirituaes, cantando, e louvando ao Senhor em vossos corações, 20 dando sempre graças ao Deos, e Pai por tudo, em nome de nosso Senhor Jesu Christo:

Reflexões

Irmãos, vede se viveis com a devida circunspecção, não como homens sem juízo e sem prudência, mas como pessoas de razão, resgatando o tempo perdido, porque os dias são maus. Dirigir-se-á esta advertência aos Cristãos de nossos tempos? Falará com todos os fiéis o Apóstolo? Que caso fazem dela os Cristãos de nossos dias? Tudo está cheio de laços, tudo é perigos para a salvação: vivemos, por assim dizer, em país inimigo: o ar é contagioso, os exemplos falazes: devemos desconfiar até de nosso próprio coração, e nossas paixões sempre são dignas de temer-se. Para

navegar por um mar tão perigoso, tão difícil pelos naufrágios e pelos escolhos, não são mister grandes precauções? E são muitas as que se tomam nestes desgraçados tempos? Expor-se, entregar-se os homens ao perigo, cantando e rindo. Concorrências, cortejos, partidas de diversão, funções a cada qual mais contagiosas, amizades perigosas, frequência de visitas sumamente suspeitas; em todas as partes objetos lisonjeiros e tentadores. Que precauções e preparativos se tomam para não cair em tantos laços? Que temor se tem de introduzir-se neles? No mais retirado do deserto e sob um áspero cilício temiam as almas mais inocentes; e hoje não se teme em meio a um forno ardendo! Quem nos alenta? Quem nos assegura? Muito doente está o que não sente sua necessidade. Sempre faz companhia à inocência o temor e a delicadeza de consciência; mas um coração estragado e corrompido nada teme.

O odor de tantas flores que se gastam no mundo transtorna; os falsos brilhos deslumbram, e desde o mesmo ponto em que as paixões deixam de ser reprimidas acabam de cegar. Daqui nasce que os homens mais dissolutos, aquelas almas mundanas que encanecem, por assim dizer, na iniquidade, quando chegam ao tribunal da penitência, apenas têm de que acusar-se. Passam-se-lhes poucas horas no dia sem pecar e, depois de muitos anos, apenas se reconhecem culpados de um curto número de pecados; de onde provirá este escasso conhecimento? É fácil averiguá-lo. Quando está quase apagada a fé, alcança-se a ver muito pouco com a luz da razão. Desenganemo-nos: debilita-se a fé ao passo que se debilita a delicadeza da consciência. Oh meu Deus! Que tribulações congojosas, que cruéis espantos e que amargos arrependimentos se seguem sempre a uma vida licenciosa! Então não se veem nem se conhecem as precauções com que se deveria haver caminhado entre tantos precipícios como nos cercam durante esta vida miserável. Os que leram e os que fizeram estas reflexões serão daqui em diante mais cautos e mais circunspectos?

Evangelho

O evangelho é do capítulo 25 de São Mateus.

Mateus 25,14-23

> **Latim:** 14 Sicut enim homo peregre proficiscens, vocavit servos suos, et tradidit illis bona sua. 15 Et uni dedit quinque talenta, alii autem duo, alii vero unum, unicuique secundum propriam virtutem : et profectus est statim. 16 Abiit autem qui quinque talenta acceperat, et operatus est in eis, et lucratus est alia quinque. 17 Similiter et qui duo acceperat, lucratus est alia duo. 18 Qui autem unum acceperat, abiens fodit in terram, et abscondit pecuniam domini sui. 19 Post multum vero temporis venit dominus servorum illorum, et posuit rationem cum eis. 20 Et accedens qui quinque talenta acceperat, obtulit alia quinque talenta, dicens : Domine, quinque talenta tradidisti mihi, ecce alia quinque superlucratus sum. 21 Ait illi dominus ejus : Euge serve bone, et fidelis : quia super pauca fuisti fidelis, super multa te constituam ; intra in gaudium domini

> tui. [22] Accessit autem et qui duo talenta acceperat, et ait : Domine, duo talenta tradidisti mihi, ecce alia duo lucratus sum. [23] Ait illi dominus ejus : Euge serve bone, et fidelis : quia super pauca fuisti fidelis, super multa te constituam ; intra in gaudium domini tui.

Português: [14] Porque assim he como hum homem, que ao ausentar-se para longe, chamou aos seus servos, e lhes entregou os seus bens. [15] E deo a hum cinco talentos, e a outro dous, e a outro deo hum, a cada hum segundo a sua capacidade, e partio logo. [16] O que receberá pois cinco talentos, foi-se, e entrou a negociar com elles, e ganhou outros cinco. [17] Da mesma sorte tambem o que receberá dous, ganhou outros dous. [18] Mas o que havia recebido hum, indo-se com elle, cavou na terra, e escondeu alli o dinheiro de seu senhor. [19] E passando muito tempo, veio o senhor d'aquelles servos, e chamou-os a contas. [20] E chegando-se a elle o que havia recebido os cinco talentos, apresentou-lhe outros cinco talentos, dizendo: Senhor, tu me entregaste cinco talentos, eis-aqui tens outros cinco mais que lucrei. [21] Seu senhor lhe disse: Muito bem, servo bom e fiel, já que foste fiel nas cousas pequenas, dar-te-hei a intencindia das grandes; entra no gozo de teu senhor. [22] Da mesma sorte apresentou-se tambem o que havia recebido dous talentos, e disse: Senhor, tu me entregaste dous talentos, eis-aqui tens outros dous, que ganhei com elles. [23] Seu senhor lhe disse: Bem está, servo bom e fiel, já que foste fiel nas cousas pequenas, dar-te-hei a intencindia das grandes; entra no gozo de teu senhor.

Meditação

Sobre as obrigações do estado de cada um

Primeiro ponto

Considera que todos encontram em seu estado quanto hão mister para ser santos. É erro muito grosseiro, e ao mesmo tempo muito comum, imaginar que se achariam menos estorvos para salvar-se em qualquer outro estado que no que abraçou cada um; cuja apreensão é como a enganosa de um enfermo que julga recobrará a saúde mudando de cama.

Efeito é da extravagância e do capricho dos homens estimar aquilo que nasce em países estrangeiros e fazer pouco caso do que há no próprio. Para que se há de atribuir ao estado o que unicamente pende da fidelidade da pessoa? Nenhum estado há que não tenha suas obrigações: cumpre fielmente com as do teu e não terás que invejar as almas fervorosas que cumprem as suas no estado em que se acham.

Teu estado, como o dos demais, te impõe certas obrigações: pois em cumprir com elas consiste a devoção, o mérito e a virtude: nem a baixeza nem a obscuridade dessas obrigações diminui o resplendor da virtude, antes bem a faz brilhar mais aos olhos de Deus, que só é o que dá o valor e

o mérito às obras com sua aprovação. Não pede o Senhor àquele pai nem àquela mãe de família uma assistência constante a todos os ofícios divinos; não lhes pede que estejam toda a manhã na igreja; nem lhes pede que concorram a todas as funções devotas que se celebram na cidade: pede-lhes que ponham particular cuidado na cristã educação de seus filhos e que os edifiquem com seus bons exemplos: pede-lhes que velem continuamente sobre sua família, como que hão de dar estreita conta de sua salvação a Deus.

Pede o Senhor àquele ministro que com o estudo e com a aplicação se habilite cada dia mais para desempenhar seu ministério: pede Deus àquele militar que sirva a sua majestade e ao rei, cumprindo com sua obrigação com valor e com fidelidade: pede àquele eclesiástico que cumpra com as imensas obrigações de seu estado e sustente em tudo a eminente santidade de seu caráter: pede àquele religioso que não se dispense em alguma de suas regras. Enfim, pede a todos e a cada um que cumpra com as obrigações de seu estado, que é o que se chama negociar com seus talentos; e, ainda que não se faça mais que isto, contenta-se a Deus.

Segundo ponto

Considera que não há estado nesta vida que não tenha suas obrigações. Estás dedicado ao serviço dos altares? Que exata pureza de costumes! Que porte tão arranjado! Que obrigações de boas obras! E que bom uso das rendas eclesiásticas! Quantas diversões seculares proibidas! Quantas companhias e quantas concorrências profanas interditas! O estudo próprio do estado; a ciência necessária para desempenhar com dignidade o ministério; todas são obrigações do que está dedicado ao serviço de Deus; e poderão ser desatendidas?

Ficaste no século? Meu Deus! Quantas obrigações de consciência, que são outras tantas de religião! Que retidão, que boa-fé no comércio! Que honradez, que probidade em toda a conduta! Quantas obrigações a respeito dos filhos e das famílias!

Nenhum estado deixa de ter obrigações, e no cumprimento delas consiste o mérito e a virtude: qualquer outra devoção é ilusão, é erro. Esta é a maior prova de que a santidade está na mão de todos: nunca nos faltam os auxílios necessários e proporcionados a nossas necessidades: a graça está pronta; mas não o está nossa fidelidade à graça.

Favor grande é, Senhor, o que me concedeis em dar-me ocasião para fazer estas reflexões: que desgraça será a minha se não me aproveito dele! Não o permitais: tomada está já minha resolução: de hoje em diante todo o meu estudo e toda a minha aplicação será aprender bem minhas obrigações e dedicar-me a cumpri-las, mediante vossa divina graça.

Jaculatórias

Pronto estou, Senhor, a cumprir daqui em diante com as obrigações de meu estado, sem que nenhuma coisa seja capaz de impedir-me esta resolução. (Sl 118.)

Não, meu Deus, nunca me esquecerei das obrigações que tenho: seguro estou de que cumprirei com tua santa lei. (*Ibid.*)

Propósitos

1. Eis aqui uma matéria copiosa para o exame e ao mesmo tempo para a confusão de todo gênero de pessoas. A verdadeira e mais eminente virtude consiste em cumprir cada um exatamente com as obrigações de seu estado: ninguém as ignora, todos as têm em sua mão e a cada um lhes convêm. Em nosso terreno está, por assim dizer, o tesouro de nossa eterna felicidade. Parece a muitos que só leva espinhos a terra que eles habitam: cultiva-a e dará o fruto em proporção ao cultivo. Convence-te desta verdade tão cheia de consolo e pensa em fazer-te santo dentro do estado em que te achas, cumprindo pontualmente com todas as tuas obrigações.

2. Convém que faças um apontamento delas e, feito, faze firme propósito de desempenhá-las. Se estás no mundo, aponta o cuidado pessoal que deves ter de teus filhos e de teus criados; a vigilância sobre teu porte, teus costumes, teu respeito e religiosa compostura na igreja; sobre a frequência dos Sacramentos e de encomendar-te a Deus pela manhã e pela noite, etc. Se estás em religião, tem presentes suas regras e examina as que desatendes ou quebrantas mais ordinariamente; refletindo que, ainda que não te obriguem a pecado, saberás algum dia que da observância delas depende não só a perfeição, mas em certo modo a salvação das pessoas religiosas. Começa desde hoje a cumprir fielmente com as obrigações de teu estado e agradarás a Deus, que é o que deves apetecer.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:52:56 by Admin
Updated 20 November 2026 20:52:56 by Admin